

O TRONCO, DE BERNARDO ÉLIS: INTERPRETAÇÕES LITEROGEOGRÁFICAS

O TRONCO, BY BERNARDO ÉLIS: LITEROGEOGRAPHIC INTERPRETATIONS

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

ricardo.goncalves@ueg.br

Resumo. A literatura contribui com o modo como as pessoas interpretam, interagem e participam dos acontecimentos do mundo. No texto literário, seja de um poema, crônica, conto ou romance, arvoram elementos universais do ser humano, como a alegria, o medo, a exploração dos trabalhadores, o sofrimento, a emoção e os sonhos. Por isso, quando os geógrafos se aproximam da literatura o fazem com o propósito de aprofundamento da interpretação do espaço e dos sujeitos. Disso resulta o que denominamos interpretações literogeográficas. Sendo assim, este artigo teve como objetivo compreender elementos que explicitam a conexão entre geografia e literatura com base numa proposta de leitura literogeográfica do romance *O tronco*, de Bernardo Élis. Os resultados revelaram que Bernardo Élis foi interprete do sertão e sua obra é uma fonte primorosa para a compreensão da formação espacial de Goiás. Em *O tronco*, elementos das paisagens do Cerrado, da vida e do trabalho nas fazendas, do poder e dos conflitos entre coronéis se destacam como grafias de um espaço indomável e urdido pelas gentes do sertão.

Palavras-chave. Bernardo Élis. Geografia. Literatura. Espaço.

Abstract. Literature contributes to the way people interpret, interact and participate in world events. In the literary text, whether from a poem, chronicle, short story or novel, universal elements of the human being stand out, such as joy, fear, exploitation of workers, suffering, emotion and dreams. Therefore, when geographers approach literature, they do so with the purpose of deepening the interpretation of space and subjects. From this results what we call literogeographic interpretations. Thus, this article aimed to understand elements that explain the connection between geography and literature based on a proposal for a literogeographic reading of the novel *O tronco*, by Bernardo Élis. The results revealed that Bernardo Élis was an interpreter from the sertão and his work is an excellent source for understanding the spatial formation of Goiás. In *O tronco*, elements of the Cerrado landscape, life and work on farms, power and conflicts between colonels stand out as spellings of an indomitable space woven by the people of the sertão.

Keywords. Bernardo Elis. Geography. Literature. Space.

O Tronco: o fio entre a história e a ficção

A primeira edição de *O Tronco*, de Bernardo Élis, foi publicada em 1956 pela editora José Olympio. O livro foi primeiro romance e a quarta obra do autor. Esse romance narra de modo ficcional um acontecimento histórico, o conflito ocorrido na pequena Vila de São José do Duro (Dianópolis - TO), no final da segunda década do século XX, no antigo norte goiano (atual [2021] Tocantins), que resultou no crime que vitimou nove membros de uma família tradicional da região.

Esse comentário inicial nos movimenta para um detalhe central da obra *O Tronco*: a despeito de explorar um acontecimento histórico, trata-se de um romance, e não de um livro historiográfico. É uma obra de ficção que vasculha os arcos da narrativa ficcional e do uso da linguagem para criação de frases e sentidos. A matéria-prima do escritor é a palavra atravessada pelo mundo, e pelo domínio da palavra ele torna a narrativa infinita. Em Bernardo Élis a palavra não é fuga e nem ornamentação da realidade concreta, política e ideológica que viveu, sentiu e interpretou. Sua prosa estabelece um elo inalienável com o espaço de seu tempo, o Sertão goiano.

Disso podemos enfatizar: o escritor, neste caso o romancista, é dono de uma vultosa liberdade criativa; seu trabalho metucioso não é o da reprodução documental. Em Bernardo Élis, a verdade ficcional é a denúncia enfática do coronelismo, jaguncismo, isolamento de Goiás e poder das oligarquias agrárias ligadas ao Estado por laços de corrupção. Denuncia a contaminação do sistema jurídico e a espoliação dos oprimidos do Sertão. Assim, tem-se uma exímia narrativa ficcional cuja base é um evento histórico e uma realidade histórica desigual.

O próprio Bernardo Élis alerta em nota do livro *O tronco*:

Tirantes os pormenores, os fatos centrais desta narrativa aconteceram realmente em Goiás. Os personagens, entretanto, tendo tudo de comum com o tipo social que representam, são fictícios. O autor não quis retratar ninguém, nem copiou de nenhum modelo vivo ou já falecido (ÉLIS, 1974, p.1).

Serve de exemplo também o que o autor disse em nota do romance *Chegou o Governador*:

Será este um romance histórico? Digo que não. Urdido com os mesmos fios da História, tenta ir mais longe ao interpretar fatos passados ou reconstruir globalmente um tempo perdido, sem maiores comprometimentos com o documentário (ÉLIS, 1998, p.1).

Ainda para fundamentar esses argumentos contamos com o crítico literário Alfredo Bosi, ao dizer:

A margem de escolha do artista é maior do que a do homem-em-situação, ser amarrado no cotidiano... o narrador trabalha a sua matéria de modo peculiar; o que lhe é garantido pelo exercício da fantasia, da memória, das potências expressivas e estilizadoras (1996, p.16).

Dessa forma, é da liberdade criativa de Bernardo Élis que surgiram e foram desenhados personagens caricatos, austeros, dramáticos, trágicos e pernósticos:

- *Imbaúba*: o promotor pitoresco que entra no largo do Duro enrolado na bandeira nacional e com a Constituição do estado agarrada nas mãos;
- *Baianinho*: homem do norte goiano, que se dizia baiano para impor respeito e medo;
- *Realino*: o deficiente físico que cerrou as tábuas do pau de cedro para o caixão de Pedro Melo;
- *Maria Pequena*: com suas crendices do catolicismo popular e seus santos, fantasmas, cantorias, rezas e simpatias;
- *Camila*: uma preta velha, filha de escravos, com andava com os pés repletos de cravos;
- *Ferreirinha*: soldado que sonhava ganhar dinheiro para fazer medicina no Rio de Janeiro;
- *Luiz*: o filho tuberculoso de Tozão e Anastácia, isolado num quarto escuro;
- *Menina Brásica*: baleada na barriga no momento do confronto armado;
- *Pedro Papo*: ao final do romance, considerado traidor, é amarrado ao pau e exposto aos atrevimentos de meninos brincando de lhe furar o papo com a ponta de faca afiada.

A liberdade criativa ainda autorizou ao escritor a inserção de personagens ficcionais como Pedro Melo e Artur Melo na voz do narrador. Personagens que podem ser compreendidos como a universalização dos tipos coronéis atávicos que minuciavam os sertões, explorando, humilhando os pobres, grilando terras, cercando latifúndios, praticando corrupção nos cartórios e na política.

Por outro lado, a maioria dos personagens de *O tronco* sintetizam a vida desvalida no sertão povoado por gente analfabeta, explorada no trabalho de arrendo;

trabalhadores que morriam antes dos 50 anos de idade devido as condições de vida precárias, inexistência médicos e hospitais. O trabalhador pobre no sertão era insuflado numa imobilidade de classe, nascia e morria miserável e submetido à sombra do medo e da maldade dos patrões.

Sertão: território indômito na voz do narrador

O sertão ganha destaque na narrativa construída em *O tronco*. Nesse livro o sertão ganha vultos críticos. É representado como um território vasto e indômito na voz do narrador.

O sertão é a representação, o referente identitário de Goiás no início do século XX. Dele decorrem várias predicções constatadas no livro *O tronco*: “O ermo, o abandono” (ÉLIS, 1974, p.75); “Deserto sem fim” (ÉLIS, 1974, p.86); “ressequido e escaldante” (ÉLIS, 1974, p.89); “belo e terrível” (ÉLIS, 1974, p.89); “fim de mundo” (ÉLIS, 1974, p.91); “o desconforto, o atraso, a miséria” (ÉLIS, 1974, p.92); “Cu do mundo” (ÉLIS, p.101). Diz o narrador: “Isto aqui está na era patriarcal, em pleno período bíblico” (ÉLIS, 1974, p.103). Por isso, era imperativo “Livrar-se do sertão” (ÉLIS, 1974, p.93).

Diante disso, constata-se que em *O tronco*, a ideia de isolamento ganha destaque na narrativa. No sertão o isolamento impunha o analfabetismo, a exploração, a corrupção sem cercas e ao largo da justiça, a proliferação de doenças matando e surrando crianças e adultos. O sertão devassado pela miséria, a fome, a exploração dos subalternos, as doenças como tuberculose, malária (maleita) e sífilis. “As mulheres pitando em silêncio os cachimbos sarrentos, dando de mamar aos meninos magros e barrigudos, com eterna diarreia. Alguém gemia de maleita; outro tossia, encolhendo-se, talvez com a tísica minando os bofes” (ÉLIS, 1974, p.89).

Elementos da cultura no sertão; ou da organização do trabalho e da cultura na “fazenda-roça goiana” (BORGES, 2016) são explorados de forma minuciosa em *O tronco*. O tipo de alimentação, vestimentas (as roupas de algodão tecidas em casa), moradia, credices do catolicismo de roça, histórias de assombrações, posição das mulheres na divisão sexual do trabalho. A religião, as rezas brabas, as simpatias. Maria Pequena é a personagem que encarna esse aspecto, as credices religiosas no sertão:

Como uma sombra, Benedita tomou do rolo de cera, acendeu-o e chamou Maria Pequena: - vamos rezar. Pequena nem respondeu, abriu

a porta da capela, as duas entraram, ajorlharam-se diante do oratório de cedro talhado. A luz fumacenta do rolo fazia bulir a imagem grosseira de São Minguel.

- Ajude meu genro Vicente, meu poderoso São Miguel – pedia Benedita.

- Ave Maria, cheia de graça... – resgungava Maria Pequena, pensando no capeta do coronel Pedro Melo. – O senhor é convosco, bendita sois vós, prosseguia dona Benedita...” (ÉLIS, 1974, p.66).

Sobre a alimentação, destaca-se, por exemplo, a passagem em que o personagem Vicente se organiza para comer: “No prato esmaltado, primeiro Vicente botou feijão, depois a farinha de mandioca, misturou; a seguir botou arroz com carne seca, misturou novamente e levou uma garada à boca” (ÉLIS, 19, p.38).

A referência ao trabalho na “fazenda-roça goiana” é narrada com foco na exploração de roceiros, vaqueiros, enxadeiros, criados. Acerca da criadagem diz o narrador referindo-se à fazenda do coronel Pedro Melo:

A criadagem, descendente de antigos escravos, mantinha ali no regime de escravidão. Viviam as criadas maltratadas, mal vestidas, metidas de seco e verde no trabalho duro de rachar lenha, cozinhar, fazer queijo, requeijão, manteiga e sabão, refinar açúcar, fazer farinha, pilar arroz, desleitar as curraleiras, cuidar da casa, fiar e tecer algodão, lavar e passar roupa, fazer de tudo, no final das contas (ÉLIS, 1974, p.56).

Em *O tronco*, os trabalhadores explorados nas casas e fazendas dos coronéis desfilam como sujeitos intrépidos, expostos às mazelas da exploração hedionda de homens e mulheres do sertão.

Outros elementos da leitura literogeográfica em *O Tronco*

Outros elementos da interpretação literogeográfica da obra *O tronco* arvoram na descrição das paisagens, dos componentes da vegetação, do relevo, dos bichos, das chuvas, dos rios e das enchentes.

Enquanto a comissão dobrava os horizontes do Sertão à caminho do Duro, o narrador criado por Bernardo Élis apresenta-o com suas paisagens de forma primorosa, com características geográficas, climáticas, orográficas: as veredas, os chapadões, os rios e as enchentes, o calor, a sequidão, a vegetação ressequida ou verde após as primeiras chuvas, a cantoria de pássaros e cigarras, as serras agachadas nos horizontes. E as variações disso tudo nos meses de julho, outubro e dezembro.

No mês de julho

O sertão é triste e feio em julho, as queimadas borrando o céu de fumaça, a vegetação já amarelecida, crestada pelo sol e pelo fogo, as árvores despidas de suas folhas pelo rigor da seca (ÉLIS, 1974, p.86).

No mês de outubro

Outubro principiava, ainda não chovera, mas as águas não tardariam. O calor e a fumaça sufocavam. As árvores já haviam se recoberto de novas folhagens e os campos queimados reverdeciam. Boiava no ar o cheiro das mil flores que nessa quadra desabotoavam pelo sertão. Noite e dia as cigarras chiavam. (ÉLIS, 1974, p.94).

No mês de dezembro

Em dezembro o dia acorda cedo. As chuvas já tinham caído abundantemente e o chão era só verdor (ÉLIS, 1974, p.108).

A chuva torna-se uma personagem de uma narrativa poética e íntima dos dias e noites do Sertão.

A esse tempo, a noite vinha caindo. Feia, fria, molhada de chuva. Fazia já dias que a chuva não cessava, chuva teimosa, chuva renitente, que o vento açoitava feito uma neblina. Pelas grotas a saparia roncava, enquanto a enxurrada gorgolejava. Nas moitas que cresciam com uma exuberância de milagre, os grilos cricrilavam numa monotonia de doer. No córrego, as saracuras quebravam seus potes (ÉLIS, 1974, p.135).

Os rios e as enchentes

E a chuva não cessava. Empós de uma pancada, quando esperavam estiagem, já se ouvia o estalo de outra corrimaça de água pela mata; e novamente a chuva caía como um lençol, fazendo o rio subir e gemer de cheio, com paus e sujeiras correndo pelo dorso empolado (ÉLIS, 1974, p.268).

Outro elemento geográfico claro está na divisão entre o norte e sul goiano. Em *O tronco*, Élis vasculha um Goiás longínquo e indômito. Um território encrustado nas fronteiras entre o norte goiano e os estados do Maranhão e da Bahia. Não só a jaguncagem como elemento da relação do norte com a Bahia e o Maranhão, as também

os favores políticos entre coronéis, as trocas comerciais realizadas em Barreiras e o comércio de gado.

Os elementos geográficos estão explícitos na descrição das lonjuras, nas dificuldades de transportes impostos por fatores geomorfológicos, hidrográficos e climáticos.

Pelos caminhos do sertão, incertos caminhos cortados no mato ou no cerrado, a caravana avança sempre, ao sol e ao sereno. No deserto sem fim, as cidades e povoados são minúsculas ilhas distantes umas das outras dezenas de léguas. Os sítios ou fazendas, quando existem, são como navios no ermo. Para todos os lados galopa o oceano da campina, da floresta e do cerrado, por onde as estradas são tortuosos e indecisos riscos meio apagados na poeira e na lama (ÉLIS, 1974, p.86).

Na cena em que Carvalho refletia sobre a deliberação da demissão de Imbaúba para nomeação de outro promotor, o fator geográfico comparece, com as distâncias e as dificuldades de comunicação.

O meio mais rápido de comunicação era o telégrafo de Barreiras, na Bahia. De Duro a Barreiras um cavaleiro gastava dez dias para ir e voltar, levando o pedido de demissão e trazendo a resposta do presidente do Estado de Goiás. Qualquer outro meio de comunicação seria mais moroso ainda. Um cavalo para ir de Duro a Goiás e voltar, não gastaria menos de quatro meses, prazo que seria dilatado pelas chuvas que estavam entrando”. (ÉLIS, 1974, p.98).

O sertão era também atravessado pelos acontecimentos do mundo. Diante disso, revela-se na leitura do romance uma escala geopolítica. Um dos exemplos é a gripe espanhola, uma pandemia também conhecida como gripe de 1918, que infectou e matou milhões de pessoas no mundo entre 1918-1920. Gripe espanhola: “a gripe espanhola grassava na capital, vitimando centenas de pessoas. O governo estadual tomava providências, determinando o isolamento dos enfermos. Também estava organizado um serviço de saúde para impedir que pessoas saiam de Goiás e vão contaminar outros centros urbanos” (ÉLIS, 1974, p.102).

Outro elemento de escala geopolítica, apesar de externo à narrativa, se destaca como importante para se pensar a obra. Referimo-nos ao contexto histórico em que *O tronco* foi publicado. A década de 1950 é a década em que o discurso da modernização

se incendia nos planos de JK, como a abertura de estradas e a construção de Brasília. E isso retumbava em Goiás, que já havia passado pela transferência da capital e demais políticas da chamada marcha para o Oeste. Todavia, a obra de Bernardo Élis revela que essa modernização era incompleta, estropiada em Goiás, pois no Estado se mantinha a grilagem, a violência dos coronéis, os conflitos agrários, como o de Formoso e Trombas. Estamos diante do que Schwarz (1992) chama “desenvolvimento moderno do atraso”.

A beleza estética e o efeito utópico

No romance *O tronco*, a dimensão estilística ou estética da narrativa é trabalhada como esmero. Na gravidade do enredo de um evento conflituoso, geralmente arvora a dimensão política ou ideológica. Diante disso, a tendência é colocar em segundo plano a dimensão estética da narrativa. E nela, no caso de *O tronco*, se aprende muito, a chuva, a sexualidade, o interior das casas do povoado, as dificuldades de mobilidade, os fatores topográficos e climáticos, a gruta, a serra, os chapadões, os pássaros, as manhãs, tardes e noites do sertão. Ainda, a escolha do narrador onisciente se desdobra numa espécie de testemunha dos acontecimentos narrados, que parece interagir pela oralidade com os personagens.

A narrativa é bela,

A tarde dissolvia-se em beleza, com pássaros-pretos e sanhaços trinando nas laranjeiras e abacateiros. Na sombra, uma rola gemia tristemente, num tom melancólico de amor abandonado (ÉLIS, 1974, p.51).

Para concluirmos. Ao final do romance, desfralda a esperança, irrompe a utopia. Desfila na voz do narrador o sonho por um mundo justo, digno, fraterno e clareado pelo sol da justiça. No horizonte esperava-se uma nova “manhã que desabrochada” (ÉLIS, 1974, p.241), uma “primavera inexorável”, como também disse o poeta Pablo Neruda.

Por conseguinte, o efeito utópico desfralda a rudeza dos horizontes do sertão para abrir o caminho de um mundo justo, erguido do mesmo chão onde outrora violência, sangue, dor e lágrimas foram derramadas.

Na cabeça de Vicente, as ideias continuavam em tumulto. Uma coisa, porém, lhe dizia que nem tudo resultava inútil. Do sangue derramado, da miséria, da dor, das lágrimas espalhadas nas terras do Duro, uma vida melhor iria despontar (ÉLIS, 1974, p.278).

Nos olhos de Ângelo e de Júlio de Aquino, Vicente não surpreendeu aquele ar de desprezível ironia, de há pouco: surpreendeu agora um traço de profunda fraternidade, de inabalável confiança (ÉLIS, 1974, p.279).

Todavia, se no romance irrompe esta vontade de solidariedade e dignidade entre os trabalhadores, na realidade histórica desenrolada em Goiás após os acontecimentos do Duro, mantêm-se estruturas de exploração enraizadas na formação social do estado. Assim como na disputa de narrativas, houve um apagamento da memória dos trabalhadores. Logo, ler e discutir a obra de Bernardo Élis é também lutar contra essa obliteração dos oprimidos da história oficial de Goiás e do Brasil.

Referências

BORGES, Júlio César Pereira. *Fazenda-roça goiana: matriz espacial do sertanejo e do território goiano*. 213f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia (GO), 2016.

BOSI, Alfredo. *Narrativa e resistência. Itinerários*, Araraquara, N.10, 1996.

ÉLIS, Bernardo. *O tronco*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974.

ÉLIS, Bernardo. *Chegou o Governador*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas* São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SOBRE O AUTOR

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

Possui Pós-Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutorado e mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). É professor nos cursos de Graduação e Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia (PPGEO) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Atual Coordenador do PPGEO-UEG. Editor Chefe da Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais (UEG). Coordena o Laboratório de Estudos do Ambiente e do Território (LEAT/UEG). Pesquisador dos Grupos de pesquisa e extensão Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS) e Espaço, Sujeito e Existência. Foi da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) - Seção Goiânia (2014 - 2015). Membro Titular, Cadeira 37, do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE). Atua especialmente no estudo e pesquisa dos seguintes temas: geografia e literatura; trabalho, ambiente e território; garimpo, implicações territoriais da mineração em grande escala e rede global extrativa do nióbio.

Recebido em setembro de 2021

Aceito para publicação em novembro de 2021

Publicado em novembro de 2021